

29 OUT 1988

# Hamburger's Festival

**É** uma pena ter-se perdido, na desordem institucional, na crise de lucidez e na desesperança geral que inibe praticamente tudo no País, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, evento que já se tornara tradicional e dava sinais de consolidar-se como o mais importante foro de debate da problemática brasileira da indústria cinematográfica. O Festival deste ano, desorganizado e perplexo, reflete a própria crise de identidade por que passa o cinema no Brasil.

O Festival, deste ano, não está podendo cumprir sua função básica, a de reunir a inteligência concernente ao setor para o debate e o equacionamento dos problemas que lhe dizem respeito. E são muitos os problemas. Há os que decorrem da insuficiência de recursos provocada pela cultura perdulária do aparato institucional, que se compraz nos meios e negligencia os fins, e há a questão ideológica, que está na base da crise de identidade do nosso cinema.

Qual o espaço no qual deve trabalhar o cinema brasileiro? Esta resposta, que envolve questão básica e preliminar à definição de uma política para o setor, o Festival de Brasília poderia começar a oferecer, se houvesse sido organizado com competência específica para fazê-lo. Mas não o foi. O cinema no Brasil continuará perdido entre as veleidades hollywoodianas dos que têm os olhos grandes, mas os braços curtos e a dispersão e a castração política dos que fazem o cinema-arte, o cinema-político, o cinema alternativo que nos impõe a nossa realidade econômica. Perdido entre aspirações opostas, o cinema brasileiro não en-

contra sua linguagem, enquanto a televisão avança. As salas estão vazias, os cineastas desolados, os festivais decaídos, mas a burocracia estatal se auto-emula na disputa do poder e dos recursos que a sociedade brasileira aloca ao setor.

A Nova República retirou do cinema a censura, mas nada fez para reparar os danos que a ditadura causou à inteligência criadora do cinema. Nossos melhores cineastas continuam vagando, dispersos, sem recursos, vítimas, muitas vezes, ainda do preconceito e da censura implícita na modorra burocrática. A maioria dos que permanecem ativos insiste na linguagem do cinema massivo, de bilheteria, incapazes de perceber que, neste campo, as novelas de TV vencem por no caute. Se eles não conseguiram ainda dominar a técnica elementar do áudio, que continua péssimo nos filmes nacionais, como dominarão os processos complexos da investigação e da expressão sociológica dos quais o cinema de massa não pode estar divorciado?

O cinema brasileiro tem muito o que aprender e a fazer, mas não o fará antes que seja capaz de, pelo menos, realizar um Festival minimamente capaz de debater sua própria crise. Brasília é, potencialmente, o cenário perfeito para este fim, para o fim de realizar um festival consistentemente autocrítico, em torno do qual se reúnam todas as expressões da arte e da indústria do cinema. Esteve próximo de fazê-lo no passado, mas se contentou, este ano, em promover um festival para consumidores de hambúrgueres.